OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)..	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

14.º ANNO — VOLUME XIV — N.º 462

21 DE OUTUBRO DE 1891

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Os jornaes de Lisboa noticiaram todos, ha dias, o suicidio da grande cantora austriaca Maria Wilt, mas nenhum d'elles, que nós vissemos, contou minuciosidade alguma ácerca d'esse suicidio, que além de ter sido um acto perfeitamente irresponsavel, porque a pobre cantora estava, havia muito tempo, completamente doida, foi revestido de circumstancias particulares, que tornam a historia da suicida verdadeiramente curiosa.

Maria Wilt era muito conhecida e muito estimada em Vienna e o seu suicidio causou profunda sensação, foi durante dias e dias o assumpto principal de todos os jornaes viennenses.

A pobre cantora tinha 58 annos.

Engeitada, fôra recolhida pela familia do barão Protohevera, ministro d'estado, que lhe fez dar uma excellente e solida educação.

Aos 18 annos a engeitada Maria fallava perfeitamente muitas linguas, e era uma pianista de primeira ordem.

O barão de Protohevera quiz mandar-lhe ensinar canto, mas os melhores professores de Vienna foram todos unanimes em concordar, que a pequena não tinha voz de que se pudesse fazer coisa alguma.

Em vista d'este *veredictum* dos mestres, Maria não aprendeu a cantar.

D'ali a poucos annos casou com um architecto chamado Wilt, de quem dentro em breve se separou.

Um bello dia o director da sociedade dos concertos, o sr. Hecbeck conhecendo o notavel talento artistico de Maria Wilt lembrou-se de fazer d'ella uma cantora.

Maria ficou muito admirada com esta idéa, e começou a estudar com ardor, a trabalhar a sua voz, a tal voz de que os mestres tinham dito que não se podia fazer nada.

Estudou, trabalhou e aos 34 annos d'idade fez a sua estreia na Opera de Vienna.

Essa estreia foi um colossal successo.

Ha muito tempo que se não ouvia nos theatros de Vienna uma voz tão extensa, tão potente, e ao mesmo tempo tão bem *stylada*.

Essa voz era tão extensa, tão maravilhosa que permittia á Wilt cantar n'uma noite a *Rosina do Barbeiro* e na outra a *Izabel do Tannbauser*. Papeis de soprano ligeiro, papeis de contralto fazia os com a mesma facilidade e com o mesmo *successo*.

Muito original, muito burgueza, dona de casa ao mesmo tempo, que grande cantora, a Wilt tinha uma maneira curiosa de estudar os seus papeis.

O ensaiador ia a casa d'ella e cantava-lhe a partitura emquanto ella debruços no chão esfregava o parquet ou curvada sobre uma mesa engommava a roupa branca, e era assim balouçada entre a poesia e a prosa, juntando as mais elevadas preoccupações artisticas aos mais grosseiros trabalhos domesticos, que ella aprendia todo o grande reportorio Wagneriano.

E foi entretanto o reportorio Wagneriano que lhe deu volta ao juizo, que a lançou nos abysmos da loucura d'onde sahiu agora pela porta sinistra do suicidio.

Effectivamente os enormes papeis Wagnerianos, tem o seu lado pathologico. O tenor Schnorr morreu em Munich depois de cantar o *Tannbauser*, o tenor Ander, endoideceu durante os ensaios do *Tristan e Yseult*, e o tenor Wentselmanor, vivo ainda, confessa que todas as vezes que canta a parte de *Tristan* está no dia immediato doente, como se lhe tivessem batido com um saco d'areia na cabeça.

A Wilt tinha já de si, as suas disposições para a loucura, e as suas excentricidades eram demonstração d'isso.

Ha coisa de dez annos partiu de Vienna para Leipzig e foi ali aprender o papel de Brunchilde da *Walkyria*.

Aprendeu-o em tres semanas mas a cabeça ficou-lhe então desarranjada de todo.

— Com o papel de Brunchilde fiquei prompta, dizia ella ás vezes.

E ficára.

Esteve muito tempo retirada da scena, mas ha dois mezes appareceu em Salzburgo no centenario de Mozart.

O espanto do publico foi enorme.

DR. D. ROQUE SAENZ PEÑA

(Segundo uma platinotype de A. S. de Witcomb, de Buenos Ayres)

A Wilt não parecia a mesma.

Ella nunca fôra bonita, mas estava agora horrenda, magra, avelhentada, com os olhos espantados, illuminados por clarões sinistros.

Era a loucura que já vivia n'aquelle cerebro, era a idéa do suicidio que já se apossára d'elle.

Estava apaixonada por um estudante, que não correspondia ao seu amor.

E a Wilt que era conhecida como sovina, como avara, fez doação ao municipio de cerca de 40 contos de réis para fundação de *bolsas escolares, para expiar a sua culpada inclinação*, phrase textual d'ella.

E entrando no caminho da generosidade foi até a prodigalidade, deu, atirou pelas janellas fóra todos os seus haveres e por fim deu todo o seu dinheiro por uma pensão vitalicia, cujo primeiro semestre devia vencer-se no dia 15 de novembro.

Não chegou porém ao dia do vencimento, e nos ultimos dias de setembro precipitou-se d'um quarto andar, encontrando cá em baixo a morte instantanea, que procurava

*

E já que estamos com as mãos na massa e por uma excepção nos nossos habitos de chronista, pois não gostamos nada de assumptos funebres e detestamos o genero suicidio, fallaremos do suicidio de outra actriz, suicidio que tem apenas de curioso o seu motivo, perfeitamente *Fin de siècle*.

Não se trata d'uma grande artista, mas sim d'uma simples corista do Gaiety-Theatre.

Chamava se Lydia Manton, tinha 23 annos, era muito bonita e apesar de corista, vivia como uma princeza, tinha magnificas equipagens, bellos cavallos, joias preciosas, e é claro que não era com o seu ordenado de corista que ella fazia todas essas despezas.

Levava vida de princeza porque tinha precisamente um principe, e principe de sangue real, que lhe dava dinheiro para isso: mas do mesmo modo que deveu a esse principe a sua vida brilhante e luxuosa, deveu-lhe tambem a sua morte desgraçada

Um bello dia o principe enfastiou-se da corista, e aquella vida de conto de fadas desappareceu.

Ao ver que tinha que voltar á sua modesta vida de corista depois de ter sido rainha durante mezes, Lydia Manton não esteve pelos ajustes e aproveitou o primeiro pretexto que lhe appareceu, para pôr ponto final na sua existencia outr'ora tão alegre e agora tão triste.

Esse pretexto foi tão futil que fez com que se descobrisse o verdadeiro motivo do suicidio.

Lydia Manton tinha combinado almoçar com um lord, lord Charles Montagu, e como este se demorasse um pedaço, como a fizesse esperar, ella envenenou-se!

A policia ingleza comprehendeu logo que havia ali um mysterio qualquer e tratou de o desvendar, mas não o deu á publicidade senão com muitas reticencias, reticencias que fiseram grande escandalo na alta sociedade ingleza e que tem dado muito que fallar ás gazetas britannicas... as quaes tem procurado lêr varios nomes muito conhecidos nas entrelinhas das communicações do *croner*...

*
* *

Levámos tempo de mais com este passeio pelos bastidores da opera de Vienna e do Gaiety Theatre de Londres, tanto mais que nos bastidores dos nossos theatros temos tambem alguns acontecimentos a registar, e acontecimentos muito menos lugubres.

Em D. Maria tivemos o apparecimento d'uma actriz nova, nova para nós lisboetas, que para o publico das provincias é de ha muito um antigo e querido conhecimento — a estreia da sr.ª Iva Ruth.

A sr.ª Iva Ruth era uma *estrella* da provincia e tem tido em todos esses theatros por ahi fóra verdadeiras apotheoses.

Toda a imprensa provinciana se tem occupado d'ella com grandes elogios, elogios tão grandes que ha coisa de tres annos deram no gôto dos jornaes da capital, que se referiram a elles, perguntando quem seria essa actriz que fazia lá pelo norte todo o grande repertorio, a *Dama das Camelias*, a *Morgadinha* e *Magdalena*, com um successo tão ruidoso e tão unanime.

A empresa do theatro de D Maria respondeu agora a essa pergunta apresentando ao publico de Lisboa a sr.ª Iva Ruth.

Assistimos e essa apresentação e confessamos muito francamente que ficamos sem fazer nenhuma idéa do que é a nova actriz.

Não a conhecemos pessoalmente, vimol-a pela primeira vez n'aquella noite e de longe, mas temos a certeza de que a sr.ª Iva Ruth vale muito mais do que inculca valer, porque, ninguem nos convence de que uma actriz qualquer pode ter ruidosos *successos* em papeis de grande responsabilidade perante publicos diversos, sem ter talento, sem ter grandes qualidades.

E' claro que ao lado d'essas grandes qualidades devem existir grandes defeitos, a falta de escola, a necessidade de procurar os grandes effeitos com as grossas tintas, os recursos naturaes trabalhando em liberdade sem ter a domal-os, a guialos, aprimoral-os, as regras da arte, e comprehende-se bem o balanço enorme que deve haver no trabalho d'uma artista que tem sempre trabalhado á sua vontade, *enfant gaté* do seu publico, fazendo o que lhe vem á cabeça, obedecendo á inspiração do momento certa de que o seu publico lhe admitte tudo e tudo lhe applaude, ao ver-se de repente em frente do publico de D. Maria, e publico de uma premiére, composto na sua maioria de criticos, de jornalistas, publico que ella nunca viu, que não conhece, para quem deve saber perfeitamente que todos os seus grandes successos anteriores longe de serem uma carta de recommendação, são uma carta de suspeição, que o faz sorrir ironicamente, n'uma espectativa, senão hostil, pelo menos trocista, em frente d'essa Sarah Benhardt de Chão de Maçãs.

A este balanço fatal inevitavel, que por força havia de haver no trabalho da artista, junte-se a differença de genero: ella habituada ao grande drama, aos papeis cheios de paixão violenta e de arrebatamentos dramaticos a representar um simples *lever de rideau*, uma comedia de duas pessoas, um dialogo em que o talento, a paixão não são precisos para coisa alguma e em que é necesario apenas o saber diser, o saber intencionar a phrase, colorir a dicção: e depois de tudo isso digame como é que por essa apresentação n'um *lever de rideau* se pode apreciar ou fazer qualquer idéa d'uma actriz que evidentemente não pode ter escola, mas que deve ter talento. paixão, o fogo sagrado sem o qual não se conquista a gloria seja lá diante de que publico fôr?

Esperamos, portanto, vel-a n'um drama, isto é no seu genero, para então a apreciarmos devidamente sem que os seus *successos* da provincia sejam uma attenuante aos seus defeitos, nem uma aggravante ás suas qualidades.

*
* *

No theatro de D. Maria deu-se ha noites com successo uma comedia em 4 actos os *Peixes dourados*, traduzida do italiano pelo nosso particular amigo e distinctissimo escriptor o sr. Joaquim de Miranda.

A peça é muito graciosa, tem scenas encantadoras, um desempenho magnifico, está excellentemente tradusida e agradou immenso.

Na proxima chronica fallaremos d'ella mais largamente.

*
* *

Regressou no domingo ás 6 horas da tarde, da Granja, S. M. a Rainha a sr.ª D Maria Pia.

Sua Magestade veio mais cedo para assistir ás exequias no dia 19, por alma de El-Rei o sr. D. Luiz.

A virtuosa Rainha teve na Granja uma despedida enthusiastica. Em todas as estações onde, no trajecto para Lisboa, parou o comboyo real foi victoriadissima, e na Estação do Rocio, era esperada por seu filho El-Rei D. Carlos, pela rainha D. Amelia, por todo o Ministerio, Côrte e muitas outras pessoas.

S. M. foi para a Ajuda com o sr. infante D. Affonso, mas affirma-se que no proximo mez de novembro acompanhará El-Rei D. Carlos e a Rainha D. Amelia, na sua visita ás provincias do norte.

Gervasio Lobato.

DR. D. ROQUE SAENZ PEÑA

E' um forte. Triplicemente forte: na musculatura, no cerebro, na alma.

D'ahi, o vigor do seu corpo, a superioridade do seu talento, a elevação do seu caracter.

D'aqui, aquelle porte distincto e nobre figura, com toda a *linha* do homem verdadeiramente superior, do verdadeiro estadista; aquellas variadas e potentes faculdades de orador e publicista, economista e financeiro, jurisconsulto e diplomata; aquelle entranhado amor da familia e da patria, que familia é, e dos amigos que, naturaes, são porções da patria, estrangeiros, são prolongamentos d'ella.

*
* *

Nasceu em Buenos Aires, capital federal da Republica Argentina, em 19 de março de 1851.

Foram seus paes a Ex.ᵐᵃ Sr.ª D Cypriana Lahitte Saenz Peña, e o sr. Dr. D. Luiz Saenz Peña, um dos mais illustres advogados e um dos mais preclaros jurisconsultos da Republica.

Fez um curso brilhante na Universidade de Buenos Aires onde se doutorou em direito.

A Republica Argentina — incontrastavelmente um dos mais distinctos, senão o mais distincto, dos dez estados sul-americanos, pelas suas instituições liberaes e democraticas; pela sua legislação tão sabia e previdente, que em muitos capitulos pode servir de modelo ás legislações dos povos do velho mundo; pelas grandes illustrações que conta entre os seus filhos mais prestimosos — leva-nos a dianteira, entre tantas outras cousas, no seguinte: distingue entre ser *doutor* e ser *advogado*.

Apoz as ultimas provas academicas do *quinto anno* juridico, confere a Universidade o diploma de doutor; mas só apoz um anno de pratica, o *sexto anno*, é que defere o diploma de advogado.

Entre nós, o sexto anno é para ser doutor *a valer*.

Ora, entre doutor e douto só devia haver a differença de uma letra. Infelizmente ha differença maior: os committentes é que a sentem

Doutor em 1877 e advogado em 1876, o Dr. Saenz Peña assenta banca e exerce a nobilissima profissão até 1879.

E' especialmente advogado civilista. Asselou a sua reputação de eminente causidico, em uma causa celebre nos Annaes do fôro argentino.

E' advogado permanente de uma benemerita e prospera instituição, o *Conselho Geral de Educação*, e como tal pleiteou e venceu uma famosa causa a favor d'ella, defendendo brilhantemente, contra as pretenções de todo o Clero da Republica, a legitimidade dos impostos que oneram as heranças, e mormente os legados á Egreja, e destinados a despesas com a educação e instrucção publica. Deu á estampa esta notavel defesa, sob o titulo — «*Constitucionalidad de la Ley de educacion*».

*
* *

A sua vida accidentada, e cortada de espinhos, que é sempre o caminho da *Gloria*, não só no ideal christão, é uma prova mais, entre mil, da these que já formulei e defendi: que em todos os povos cultos, antigos e contemporaneos, em cuja constituição organica respectiva se consigna o grande principio da discussão publica, consagração do imprescriptivel direito de liberdade de manifestação de pensamento, sob a forma oral ou escripta, teem tido sempre os advogados um caracter altamente político.

Como grandes vultos da Grecia e de Roma, que exerceram a advocacia e eram ao mesmo passo politicos e tribunos, guerreiros e diplomaticos, o Dr. Saenz Peña tem sido tudo isto.

Eleito em 1878, pelo partido republicano, deputado ás Camaras legislativas do seu paiz, e tomando assento n'ellas, recebe logo, apesar de muito novo, a altissima distincção de ser nomeado *presidente*, distincção conquistada legitimamente pelos seus talentos e saber, pelo seu verbo eloquente e terso, pela energia e austeridade do seu caracter, e, — diga-se toda a verdade, — tambem pelo prestigio d'aquella sua tão rara sympathia, que attrahe e que fascina, e que promana simultaneamente d'aquellas distinctas qualidades, e ainda mais, porventura, do seu bello typo anthropologico.

Foi tambem guerreiro, e por uma causa desesperada. Guerreiro, mas sem rancor nem odios; guerreiro por espontanea impulsão generosa.

Ha naturezas assim: prestes sempre a tomarem attitudes altruistas e heroicas.

Rebentára a guerra entre o Peru e o Chili. Sentindo espontanea e devotada sympathia pela causa do Peru, foi-se a offerecer-lhe os seus serviços como voluntario.

Attenta a sua distincção e nomeada que o precedia, foi logo nomeado tenente coronel, e posto á frente de um batalhão de voluntarios. Entrou valentemente em tres importantissimas batalhas: Dolores, Tarapacá e Arica.

Ferido gravemente n'esta ultima, caiu em po-

der do inimigo, ficando prisioneiro pelo espaço de tres longos mezes.
Pelo denodo com que se bateu, esforçado cavalleiro, ficando sim vencido e prisioneiro, mas com honra e brio, foi elevado ao posto de coronel.

*
* *

Regressando a Buenos Aires, entrou na redacção do *El-Nacional*, orgão do partido republicano e diario dos mais antigos da Republica, pois vae já hoje no seu 37.º anno de existencia.
Em 1880 fundou o diario *El-Sud-America*, de que é um dos principaes redactores.
E' como jornalista o que foi como guerreiro: uma individualidade cavalheirosa e viril. Viril, a sua penna fere como uma espada; mas, cavalheirosa, não conspurca, honra.
Empunha-a sempre de luva branca, e brande a sempre com pundonor.
Em epochas de renhida peleja e no meio de terriveis borrascas, tem proprugnado ardentemente os seus ideaes, sem jámais ser alvo, ou dardejar, d'esses insultos suezes que attestam ao mesmo passo o menospreso de si, do adversario e do publico.
E' para mim assente, que a facilidade que teem certos sujeitos de depreciar meritos affirmados e reconhecidos e de insultar caracteres honestos e consagrados, é um terrivel prodromo de degenerescencia psychica, de ausencia completa de senso moral.
Em regra, são alcoolicos.
Tenha-se com elles a prudencia e indulgencia que se deve ter com os loucos irresponsaveis.

*
* *

Foi nomeado, em 1887, ministro plenipotenciario do seu paiz na Republica Oriental do Uruguay, cargo que exerceu até 1890, em que foi chamado e nomeado ministro dos negocios estrangeiros.
Na *carta de retiro* do presidente da Republica Argentina ao presidente d'aquella Republica leio este honroso periodo:

«Aprovecho la oportunidad para significar a V. E. que el doctor Saenz Peña ha merecido del gobierno Argentino la más amplia aprobacion en el desempeño de aquel importante cargo, y no dudo que habrá sabido hacerse acredor á la estimacion del Gobierno de la Republica del Uruguay».

De feito, foi muito apreciado e considerado pelo governo e pelo povo d'esta florescente Republica.

*
* *

Diplomata, define-o, como eu o não saberia definir, *El Sud Americano*, periodico illustrado de Buenos Aires, em seu n.º 44 de 1890, nos seguintes termos:

«Este espiritu, todo franqueza y todo hidalguia, demuestra el progresso y la transformacion de los ideales humanos. El diplomatico de otros tiempos tenia que ser ó tenia que aparentar ser un hombre solapado, torcido, untuoso, de acuerdo com los principios de aquél que sostenia que la palavra habia sido dada al hombre para disfrazar su pensamiento. Hoy, á lo menos en America, cuando se despejan todos los horisontes internacionales, y la guerra provocada es solo um anhelo de locos ó de malvados, para ser Ministro de Negocios Estranjeros de la Republica Argentina, basta un hombre tan inteligente, culto, energico, recto, en cuya mano se pueda poner la mano con toda confianza, en la seguridad de que si devuelve un apreton con otro apreton, es porque la sinceridad es la que imprime el movimento. Asi es el doctor Roque Saenz Peña y por eso estará tan bien en la cartera de que debe hacerse cargo dentro de pocos dias».

*
* *

Durante o periodo de tempo em que exerceu o cargo de ministro plenipotenciario junto á Republica Oriental do Uruguay, o Dr. Saenz Peña recebeu a subida honra, prova do elevado conceito em que é tido, de ser nomeado representante do seu paiz em dois notaveis Congressos—o de Montevideu e o de Washington.
Em virtude da *convocatoria* de 10 d'abril de 1888, reuniu-se na primeira cidade, de setembro d'esse anno a 18 de fevereiro de 1889, o «*Congresso de Direito Internacional privado sul-americano*» do qual dei, em tempo, larga noticia na *Gazeta de Portugal*, de Lisboa, e na *Revista do Foro Portuguez*, do Porto.
Nomeado, com o Dr. D. Manuel Quintana, outro illustre jurisconsulto argentino, delegado do seu paiz a esse congresso, o Dr. D. Roque Saenz Peña ahi foi alvo das maximas distincções.
Foi nomeado vice-presidente d'esse congresso, presidido pelos ministros dos negocios estrangeiros da Republica Argentina e da Republica Oriental do Uruguay, os doutores D. Norberto Quirno Costa e D. Ildefonso Garcia Lagos. Na ausencia d'estes, presidiu muitas vezes a essa notavel assembléa, constituida pelas primeiras notabilidades na jurisprudencia e na diplomacia de sete, e dos principaes, dos dez estados sul-americanos.
Teve ainda a honra de ser eleito *miembro informante* da *Commissão redactora do projecto de tractado de direito penal internacional*.
Li com intesesse e aproveitamento, e commentei largamente, o seu notabilissimo discurso de informe—«Discurso del Plenipotenciario argentino Dr. D. Roque Saenz Peña, miembro informante de la comision de Derecho Penal en el congresso internacional sud-americano-Montevideo-1889» — que possuo em artistica impressão, offerta do illustre diplomata.
Ahi, n'esse soberbo discurso, que tomou duas sessões, as de 1 e 3 de dezembro de 1888, vê-se, com toda a nitidez, a natureza e fim d'este congresso:
«Asistimos señores, á una conferencia de plenipotenciarios, lhamados á estatuir procedimentos definidos, reglas praticas y previsoras, que se antecipen á los conflictos, que puedan suscitarse entre dós ó más estados, con relacion á las personas, á los bienes y á los actos, de sus súbditos e residentes.»
Notavel assembleia esta em que não só se assentaram principios e estabeleceram regras, senão tambem, mais positiva e pratica, se firmaram nada menos de nove diplomas legislativos; *sete tractados, uma convenção e um protocolo addicional*. A saber:
— Tratado sobre propriedade litteraria e artistica—11 de janeiro de 1889;
— Tratado sobre marcas de fabrica e de commercio—16 de janeiro de 1889;
— Tratado sobre patentes de invenção—16 de janeiro de 1889;
— Tratado de direito penal internacional—janeiro de 1889;
— Tratado de direito civil internacional—fevereiro de 1889;
— Tratado de direito commercial internacional—fevereiro de 1889;
— Tratado de direito processal internacional—fevereiro de 1889;
— Convenção sobre o exercicio das profissões liberaes—fevereiro de 1889;
— Protocolo addicional sobre a applicação das leis dos estados contractantes.
Este congresso é um dos mais notaveis certamens scientificos dos modernos tempos; é uma nova e bella pagina addicionada á historia scientifica, politica, diplomatica e juridica, já tão brilhante, do Novo Mundo, para o que lhe bastava o congresso pedagogico de Buenos Aires, o congresso juridico internacional de Lima, as profundas reformas no regimen carcerario e a codificação dos varios ramos do seu direito, tão progressivo, liberal e previdente.
As deliberações d'essa preclarissima assembléa affirmam, a meu vêr, incontrastavelmente, ao mundo scientifico, o alto nivel moral que as sciencias juridicas attingem nas cultas nações do sul da America, e reclamam logar proeminente na historia da diplomacia dos tempos modernos.
Cultas, disse eu. Não risco o qualificativo; que o não infirmam os ultimos e horriveis pormenores da insurreição no Chili.
Esses horrores são meros incidentes anormaes na vida das nações cultas; constituem as suas doenças diathesicas.
Se assim não fôra, ou se outro fôra o criterio da sua apreciação, não seria a França a nação cultissima por excellencia. A sua historia, uma das mais brilhantes, teem muitas d'essas manchas.
E qual a que as não tem?
Tem-nas o proprio sol.

*
* *

Foi ainda o escolhido pelo governo do seu paiz para, com dois outros delegados, o representar na *Conferencia Internacional Americana*, onde recebeu a honra de ser eleito membro da commissão especial da *Customs Union*, encarregada de estudar e emittir o seu parecer, sobre a idéa de uma *União* ou *Liga aduaneira* entre os estados das tres grandes zonas da America.
Ahi, emittindo voto contrario a essa Liga, pronunciou, na sessão de 15 de março de 1890, e na seguinte, os dois notabilissimos discursos, publicados em volume epigraphado—«Discurso y replica á los delegados de los Estados Unidos, Hon John B. Henderson (Chairman) Hon Charles R. Flint, por el doctor D. Roque Saenz Peña, delegado de la Republica Argentina à la Conferencia Internacional Americana — Wasgington, D. C. 1890» — e que possuo, remettido de Washington, como *recuerdo* da amisade benevolente com que me honra este preclaro jurisconsulto, e dos quaes dei larga noticia em varios numeros do *Commercio de Portugal*, d'esse anno.
Reitero o que então disse. Se os dois discursos, pronunciados no Congresso de Montevideu, affirmam e demonstram as eximias qualidades de jurisconsulto e diplomata que exornam os talentos do Dr. Saenz Peña; os dois, pronunciados na conferencia de Washington, duplicam-as das qualidades de economista e financeiro de primeira plana.

*
* *

Além dos trabalhos impressos já citados, o Dr. Saenz Peña é auctor de um outro, e não menos notavel—«Condicion juridica del exposito»—profundo e interessante estudo sobre os menores abandonados, e que foi a these que defendeu para tomar o grau de doutor na Universidade de Buenos Aires.

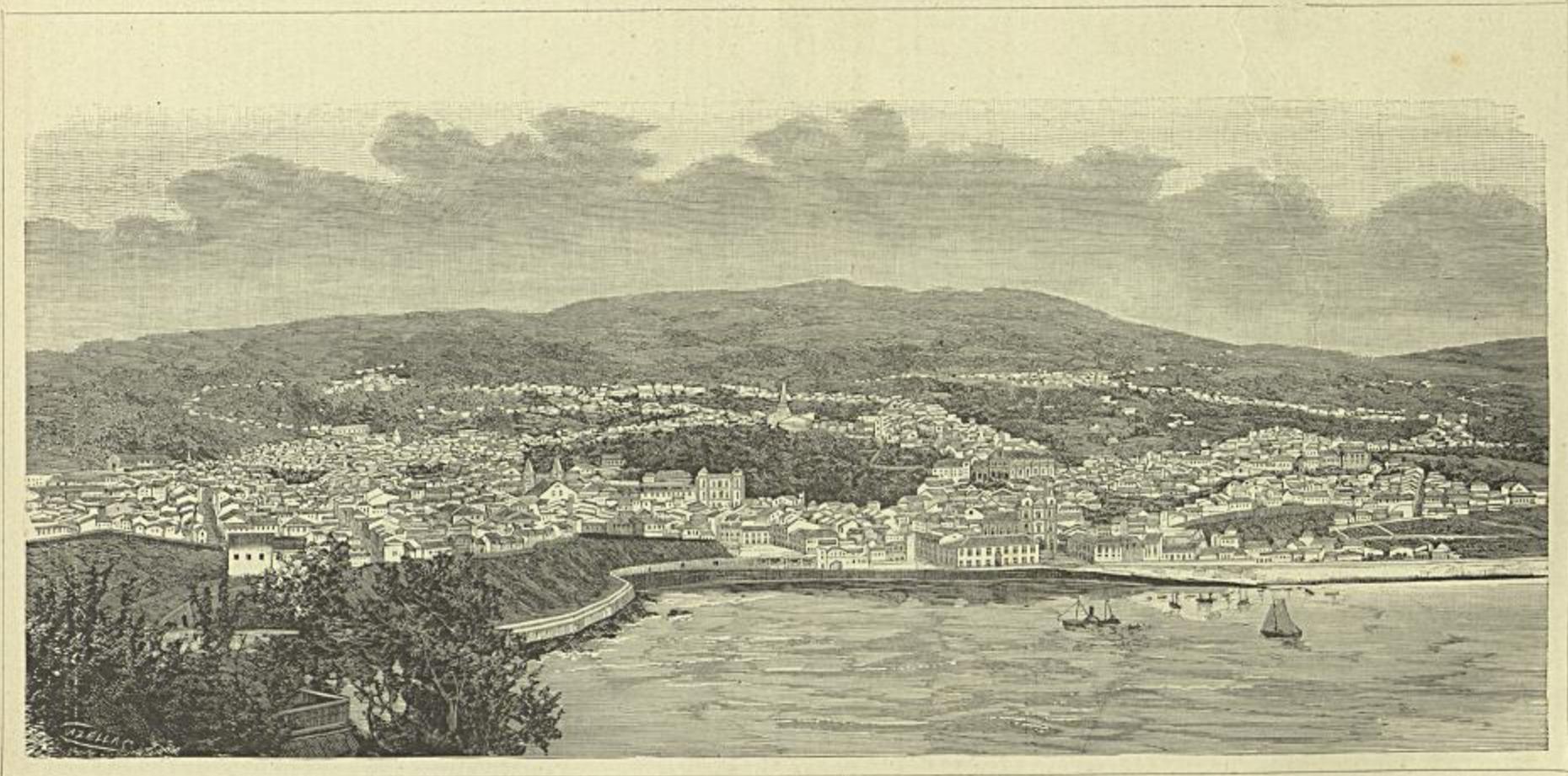
*
* *

Esteve em Lisboa em maio de 1889. Acompanhava-o sua esposa, gentilissima senhora, cujos encantos physicos eram realçados pela formosura da sua alma, candida e boa, e pelos primores do seu espirito, elevado e culto.
Foi n'essa occasião que travei relações com o distincto diplomata e sua esposa, e que o apresentei na *Associação dos Advogados de Lisboa*, em cuja sessão de 22 d'esse mez e anno foi proposto e votado por acclamação *socio honorario*.
D'esta sessão deram conta os principaes jornaes de Lisboa e da provincia.
Noticiou-a nos seguintes termos o *Diario de Noticias*, de Lisboa:

Associação dos advogados

«Reuniu ante-hontem á noite, pela primeira vez depois do congresso juridico, a associação dos advogados de Lisboa.
«Bastante concorrida e interessante essa sessão.
«Na ordem da noite o sr. dr. Pinto Coelho relatou, em breves palavras, todo o trabalho do congresso, cuja importancia e resultados praticos se lhes affiguram valiosos; mas que é ainda cedo para os julgar.
«Antes da ordem da noite o sr. dr. Armelim Junior propõe socio honorario, em proposta firmada tambem pelos srs. drs. Henrique Midosi e Franco de Castro, presidente na ausencia, por motivo de doença, do sr. dr. Manuel Beirão, o illustre diplomata e jurisconsulto argentino sr. dr. D. Roque Saenz Peña, ministro plenipotenciario da republica Argentina, de passagem em Lisboa para o Washington, onde vae representar o seu governo no congresso de direito internacional.
«O sr. dr. Armelim Junior, apresentando á assembléa o nosso illustre hospede, traçou em rapida synthese, um escorço biographico do apresentado, a que s. ex.ª respondeu, depois de ser votada por acclamação, agradecendo a honra conferida e as palavras do sr. Armelim, a cujo trabalho sobre *Assistencia e salvação maritimas*, presente ao congresso juridico de Lisboa, teceu os mais rasgados elogios, bem como ao seu auctor.»

*
* *

Homem verdadeiramente forte, é, simultaneamente, capaz de todas as energias e das maximas moderações.
E' um homem do mundo, do grande mundo; mas ficando sempre, homem de bem.
Benevolo, sem ser familiar, e sempre lhano com os inferiores; é familiar, sem ser vulgar, e sempre distincto, com os amigos.

A CIDADE DE ANGRA DO HEROISMO — Vista do Monte Brazil

(Segundo uma photographia)

A sua conversação, sempre espirituosa e movimentada, é lição constante de sciencia e de moralidade.

Espirituosa, disse eu; não do espirito gaulez que *court les rues*; mas do espirito são, profundo e sabio, cheio de bom senso e cheio de lição.

E' um forte e, por isso mesmo, é um bom. Bom filho, bom esposo, bom pae, bom amigo, bom amo e bom cidadão.

Dizia-me, ha dias, em viagem, um rude, mas intelligente, filho do povo: «não se póde ser bom republicano sem ser bom cidadão.» Verdade profunda bem digna de um sabio.

Porque é bom em todas as espheras de acção da sua sentimentalidade superior, o Dr. D. Roque Saenz Peña é um bom, leal e convicto republicano e democrata.

E' dotado de um sentimento, que tanto aprecio n'elle como em todos que estudam e publicam: adora a fórma sem despresar a idéa. E' incapaz de sacrificar esta áquella. E' incapaz de dizer ou escrever palavras vazias de idéa, architectar phrases, artisticamente cinzeladas e completamente desnudadas de senso.

Sabe ser scientificamente profundo, sem deixar de ser litterariamente primoroso.

* * *

Ahi fica, em rapido e synthetico traço, o perfil intellectual, moral e physico do Dr. D. Roque Saenz Peña, cujas linhas anthropologicas e symetria physiognomica coincidem e attestam as raras e variadissimas aptidões intellectuaes, a grande e peregrina elevação do senso moral, d'este argentino illustre, que é, pela sua obra, uma gloria immarcessivel da Sciencia e da Patria; pelo seu porte nobilissimo a mais alta consagração da dignidade humana; pelo seu caracter integro, impolluta correcção e delicada affectividade, um exemplo alto e nobre de que se póde ser emulo dos amigos, procurando imital-os ou mesmo excedel-os, e prestar-lhes rendido preito de justiça, sem diminuir em nada o merito proprio, antes avultando-o pela affirmação superior das qualidades oppostas ás que geram e alimentam esse baixo sentimento dos seres inferiores,—dos insignificantes e dos maus,—a inveja.

Armelim Junior.

Angra do Heroismo e palacio da Camara Municipal da mesma cidade

Angra do Heroismo é a capital do districto administrativo da mesma denominação, que se compõe de uma parte do grupo central das ilhas dos Açores, a saber: Terceira, S. Jorge e Graciosa, sendo ella a unica cidade que ha na ilha Terceira e em todo o districto.

Tendo sido sempre considerada a cabeça dos Açores, por ser a séde de todo o governo civil, ecclesiastico e militar, foi reconhecida como capital de todo o archipelago, quando o alvará de 26 de fevereiro de 1771 conferiu aos Açores a categoria de provincia de Portugal.

A ilha Terceira está situada em 38° 40' de latitude N. e em 18° 7' de longitude O. de Lisboa; é de fórma elliptica, tem 31 kilometros de comprido, 17 de largura, e 42.338 habitantes, conforme recentes dados estatisticos publicados officialmente. A sua superficie, de 500 kilometros quadrados, é desegual por n'ella avultarem serras e montanhas, ricas de curiosos phenomenos geologicos.

Foi descoberta, como é sabido, logo depois de o terem sido as duas primeiras ilhas (primeiras, digo, na ordem do descobrimento), Santa Maria e S. Miguel, e d'ahi lhe adveiu o nome de *Terceira*. Occorreu esse facto pelos annos de 1444 a 1450, sendo fóra de toda a duvida que em 2 de março de 1450 o infante D. Henrique deu a capitania da ilha a um fidalgo flamengo, que estivera a seu serviço, Jacome de Bruges.

Angra do Heroismo é uma formosa cidade, bem arruada e notavel pelos seus bons edificios publicos e particulares, principalmente as egrejas. Entre ellas ha quatro maiores que todas as da cidade baixa de Lisboa, se exceptuarmos S. Domingos: a da Sé, a da Misericordia, a do antigo collegio dos jesuitas e a do extincto convento de S. Francisco, onde estão ha annos estabelecidos o lyceu nacional e o seminario diocesano. A da Sé, erecta em 1618, é um templo magnifico.

Cumpre tambem fazer menção dos seus dois hospitaes: o civil, denominado do Santo Espirito, e tambem da Misericordia, estabelecido no extincto convento de religiosas da Conceição; e o militar, que, não sendo muito grande, tem comtudo optimas enfermarias.

A alfandega, o mercado, o palacio municipal e o theatro são excellentes edificações, amplas e perfeitamente accommodadas ao seu destino.

O castello de S. Filippe, construido durante a ominosa usurpação castelhana, e sempre denominado de S. João Baptista depois da restauração de 1640, é tão formidavel que no seu vasto recinto pode conter quatrocentas peças de artilheria.

Angra do Heroismo tem quatro freguezias; a Sé, a Conceição, S. Pedro e S. Bento. A sua população é proximamente de 12.000 habitantes.

Ninguem disputará á antiga Angra duas glorias das quaes não pode com certeza ufanar-se nenhuma outra cidade do reino de Portugal. Uma foi ter primeiro emparedado e depois expulso os jesuitas cerca de dois seculos antes da severa lei do marquez de Pombal, que exterminou a celebre companhia de Jesus. Foi a outra ter sido a primeira a acclamar, em 22 de junho de 1828, a rainha D. Maria II, e não ter reconhecido nunca o governo do usurpador.

PRAÇA DA RESTAURAÇÃO E PAÇOS DO CONCELHO EM ANGRA DO HEROISMO

(Segundo uma photographia)

Alli viveu alguns mezes o imperador D. Pedro IV alli foram celebradas as primeiras sessões da regencia, e na vasta bahia da Praia alcançaram os liberaes a famosa victoria de 11 de agosto de 1829, que os encheu de animo e valor para virem a Portugal acabar de vez com o fero despotismo de D. Miguel.

Do patriotico governo de 1837 recebeu Angra o devido premio de tantos serviços, que foi o titulo *de Heroismo* e novo brazão de armas que, nos termos do respectivo decreto, é como se segue: escudo esquartelado; no primeiro quartel, em campo vermelho, braço de prata armado com espada na mão; no segundo, em campo de prata, um açor de sua côr, e assim os contrarios, e sobretudo um escudete com as quinas de Portugal, e em remate uma corôa mural. Timbre o braço das armas. Em volta fita azul com letras de oiro «Valor, Lealdade e Merito,» e a insignia da Torre e Espada.

Deriva esta cidade o seu nome de Angra de haver entre a ponta de Santo Antonio, no monte Brazil, e o castello de S. Sebastião, uma profunda angra, em fórma de ferradura, que é o porto, na verdade muito perigoso quando reinam com violencia os ventos do sul e sueste; sendo por este motivo que ha annos a esta parte tem sido reclamada, como de urgentissima necesssidade, a cons-

trucção de um quebra-mar para abrigo e segurança das embarcações

O palacio municipal de Angra do Heroismo é sem contestação um dos melhores edificios publicos dos Açores. Situado no centro da cidade; ao fundo da praça da Restauração, para onde convergem as ruas de maior movimento, que taes são as da Sé e Direita, e flanqueado por duas outras tambem de muita passagem, á do Gallo e á de S. Francisco, distingue-se pelas suas grandes proporções, regular e elegante architectura.

Quando um dia se realisar o nobre pensamento de erguer no meio da praça uma estatua ao primeiro conde da Praia da Victoria, que mais do que ninguem concorreu com o seu ardente enthusiasmo e com os bens avultados da sua grande casa para se fazer e poder sustentar-se o pronunciamento liberal de 1828, a praça da Restauração será um monumento historico, como a egreja de S. Francisco, onde está sepultado Paulo da Gama, irmão de Vasco da Gama, e como o castello de S. João Baptista, onde residiu cinco annos o infeliz Affonso VI.

Alberto Telles.

CARLOTA TALASSI DA SILVA

Creio que vi a Talassi apenas duas vezes na minha vida: uma ha 32 para 33 annos no theatro de D. Maria, outra ha 25 annos na feira do Campo Grande.

Ainda assim a primeira vez não tenho a certeza de que a visse, curo apenas por informações e não pelas reminiscencias. Que eu vi o *Livro Negro* na primeira época que elle se representou no theatro de D. Maria vi, mas eu tinha então 8 annos e só me lembro d'uma coisa, da scena em que se rasga uma pagina d'um livro.

A Talassi entrava na peça: e portanto a não ser que por qualquer motivo ella fosse substituida na noite em que eu assisti á representação, o que não é verosimil porque os primeiros papeis não é costume no nosso theatro substituil-os por não haver o bom uso das *doublures*, é claro que a vi, mas não me lembro d'ella, absolutamente nada.

De quando a vi no Campo Grande isso lembro-me perfeitamente.

Foi em 1867, e exactamente por este tempo, fins de outubro.

Eu estava alí a ares com a minha familia e passava os dias e as noites na feira, que então era ainda no meio do campo.

Uma tarde vi uma senhora de certa edade, de cabello grisalho, physionomia expressiva, insinuante, ainda que um pouco dura, pelo braço d'um sugeito mais velho que ella.

Esse sugeito fallou a meu pae, a senhora cumprimentou-o com um sorriso amavel, mas com uma certa magestade, que não é muito vulgar nas nossas relações quotidianas e que me fez certa impressão.

Havia o seu que de rainha no cumprimento, no porte e na maneira de andar d'aquella velha e em casa perguntei a meu pae quem era aquella senhora que elle tinha cumprimentado na feira, e que ia com um homem a quem elle apertára a mão.

— Ah! aquella foi comica,

— Comica? perguntei eu com o alvoroço que desde pequeno tinha por tudo que dizia respeito a theatro.

— Sim é a Talassi e o marido.

— A Talassi! repeti admirado. Pois a Talassi não morreu?

— Não; a prova que não morreu é que está ali respondeu meu pae rindo.

— Mas não representa? Eu nunca a vi representar nem ouço fallar n'ella ha muito tempo.

— Viste quando eras pequeno, agora ha sete annos que está reformada, e vive sempre aqui no Campo Grande, de verão e de inverno, n'uma casa sua.

Fiquei com muita penna de não ter reparado mais n'ella, e nos dias immediatos andei a procural-a pela feira para a tornar a ver, mas não a encontrei.

Depois a feira acabou; veio o inverno, eu vim para Lisboa e nunca mais vi a Talassi.

Entretanto o desejo de a ver, de lhe fallar, de a conhecer de perto nunca me abandonou e por mais d'uma vez combinei com o meu particular amigo e collega Maximiliano d'Azevedo, que a conhecia, ir com elle visital-a; mas a Talassi vivia no Campo Grande, para nós lisboetas essa visita era quasi uma viagem e de hoje para amanhã, de addiamento em addiamento foi ficando de reserva até que a morte da grande actriz veio agora tirar-nos d'ahi o sentido.

* * *

Carlota Talassi deixou no theatro portuguez uma grande reputação de talento, de distincção e de honestidade.

Verdadeira senhora em toda a accepção da palavra, Carlota Talassi viveu no theatro muitos annos, occupou n'elle logar proeminente e foi tão virtuosa e tão honesta que nunca a má lingua de bastidores, a inveja, a intriga, a calumnia, se atreveu a manchar a sua reputação immaculada.

A illustre actriz que hoje dorme o grande somno era de origem italiana.

Seu avô era Angelo Talassi, que veio para Portugal no fim do seculo passado ao serviço da rainha a sr.ª D. Maria I, segundo elle proprio o declara no poema em 12 cantos que dedicou ao principe real depois D. João V, *L'olmo abbatulo*, poema impresso em Lisboa *n'ella stamparia* de Antonio Rodrigues Galhardo, anno 1795, 8.º, 453 pag. e 3 de correcções, poema que escapou ás investigações do sr. Innocencio da Silva no seu *Diccionario Bibliographico*.

Carlota Talassi pisou pela primeira vez o palco na cidade do Porto, na peça *Os Mouros em Hespanha*.

Depois veio para Lisboa, representou no Salitre, na Rua dos Condes, onde teve por mestre o celebre Emilio Doux, e no theatro de D. Maria onde se conservou até 1860, época em que alcançando a sua reforma, deixou para sempre o theatro, e o buliço da vida da capital, para viver tranquillamente com seu marido o sr. Silva, tio do nosso presado amigo e illustre numismata o sr. dr. Teixeira d'Aragão, na sua confortavel e pacata vivenda do Campo Grande.

Foi enorme o reportorio de Talassi, figurando entre os seus principaes papeis aquelle que primeiro a pôz em evidencia, o de Rainha do Sabá, no *Templo de Salomão*, em que era admiravel de magestade, de distincção, de elegancia verdadeiramente esculptural

Entre as suas melhores creações distinguiram-se: a *D. Ignez de Castro*, os *Incendiarios, Bom amigo, Tartufo, A vida do jogador, Carlos Magno, Luiza de Lignerolles, Catharina Howard, Sineiro de S. Paulo, Maria Tudor, Camara ardente, Um erro, Captivo de Fez, Auto de Gil Vicente, Torre de Nesle, Lucrecia Borgia, Mascara de Ferro, Leitora, Filippa de Vilhena, Auzenda, Alfageme de Santarem, A pobre das ruinas, A sobrinha do marquez, D. Sisisnando, Livro Negro, Cego Luxo*, a ultima peça em que entrou e que subiu á scena em 31 de dezembro de 1859.

Carlota Talassi não era só uma artista distinctissima, era uma senhora de esmerada educação, uma escriptora muito apreciavel que traduziu excellentemente varias peças entre ellas: os *Erros da Mocidade*, o *Marido rapaz e mulher velha, Páula ou a esposa virtuosa*, etc.

Ha 30 annos que a grande actriz morreu para o theatro onde deixou um nome glorioso e uma tradicção brilhante e d'então para cá nunca mais deu que fallar de si, viveu sempre retirada no Campo Grande em companhia do seu estremecido esposo, que ha poucos annos lhe morreu nos braços amantissimos.

E agora com 80 annos edade lá foi juntar-se ao seu querido morto, legando uma memoria gloriosa, honrada, e abençoada por todos aquelles que a conheceram de perto e que poderam apreciar todos os altos dotes de espirito e de coração d'aquella que conseguiu ser no mundo, uma grande artista e uma respeitavel senhora.

Gervasio Lobato.

Insurreição de Tupac Amarú ultimo descendente dos incas

Em 1780 a insurreição de José Gabriel Tupac Amarú, ultimo descendente dos incas, poz em perigo emminente a dominação hespanhola, que foi suffucada com a morte cruel e desastrosa do protagonista de um dos mais sangrentos dramas da America hespanhola.

Referiremos brevemente um acontecimento que está quasi olvidado:

Possuidos os corrigidores de insaciavel cobiça e contando com a impunidade, exegiram o pagamento de seus repartimentos, empregando atrozes castigos para os haverem do povo.

Os indios, por outra parte, se viam perseguidos pelos padres que inventavam novas festas e opprimiam os freguezes pela paga do seu mister.

Exasperados os indigenas, resolveram sublevar-se contra a oppressão.

Thomaz Catari, indio de Mancha, depois de haver solicitado inutilmente em Buenos Ayres, remedio para aquelles abusos, havia propagado que tinha conseguido rebaixa de tributos, e por este motivo ou outro estranho, foi elle preso para Aullagos; pelo que levantando-se os indios de Pocoata, pediram a seu corrigidor Alós, depois de uma batalha, que fizesse libertar a Catari, no que foram attendidos.

Esta condescendencia foi tida por debelidade, e deu animo a nova sublevação na provincia, que não tardou a communicar-se os de Paria, Carangas, Sicasica, parte das de Cochabamba, Lipez, Chichas, Porco e Pilaia, e as contemporisações da real audiencia de Charcos, hoje Sucre, mais animavam os indios de Chayanta á rebellião, levando seu atrevimento a ponto de trazerem a cabeça de Lupa, cacique de Marcari, junto de La Plata na cruz de Quirpinchaco, o qual era partidario dos hespanhoes.

Como Catari tivesse anticipado a execução dos planos de Tupac Amarú, foi necessario sublevar as provincias de Cuzco para appoiarem a insurreição do Alto Perú.

José Gabriel Tupac Amarú (*tupac* resplandecente e *amarú*-cobra), cacique de Tungasuca, e ultimo ramo da familia dos incas, frequentou a universidade de Lima, mas não contente com o humilde cargo de cacique que era heredictario em sua familia, solicitou ser reconhecido como descendente ligitimo dos antigos soberanos do Perú, e tendo já conseguido o titulo do *marquez de Oropeza*, que havia sido dado a seus avós. Altivo e irrascivel por caracter, olhava com despreso a desgraça dos indios, mas para adquirir fama dispoz de sua riqueza para fazer valer o ascendente que lhe dava um nome illustre, e poz-se em contacto com as pessoas mais influentes do clero a quem hypocritamente pintava com vivas e tristes côres, a oppressão dos indiginas, e movidos por suas queixas os bispos de la Paz e de Guzco, e varios prelados do Peru, as transmittiram ao rei de Hespanha por meio de Santélices, governador de Potozi, que era favoravel aos naturaes.

Carlos III, principe justo e magnanimo, acalheu com interesse estas supplicas, e para attendel-as com acerto, chamou ao dito governador afim de fazer parte do conselho dos Indios. Com tão prosperos auspicios, D. Blas Tupac Amarú, foi a Madrid a solicitar a suppressão dos impostos da mitra e dos repartimentos, e tudo annunciava um feliz desenlace, quando a morte terminou a vida a Santelices e a Blas, pelo que se suppõe haverem sido envenenados.

Em vista do succedido, rezolveu-se José Gabriel tomar á mão um arbitro violento. Achando-se o corrigidor na provincia de Tinta, um tal Arriaga, homem ávido e deshumano, que abusava do poder para saciar sua desmedida sede de riquezas, e que já por seus excessos havia sido escommungado pelo bispo de Guzco, e sob pretexto de celebrar com pompa o anniversario natalicio do monarcha, o chamou a Tungasuca, onde o fez enforcar, annunciando immediatamente Tupac Amaru, que tinha uma ordem real para suspender os impostos da mitra, os de repartimentos e as cabalas, e extinguir os corrigidores, e o mesmo quiz fazer ao de Quispicomcha que teve de refugiar-se.

Para conter este furor, sahiram de Cuzco 600 soldados, e recusando-se a acceitar a paz que Tupac lhes offereceu, foram mortos na igreja de Sangarará, por haver feito explosir a polvora que estes tinham, derrubando o templo onde ficaram sepultados 24 e mortos nas mãos dos indios 576, entre elles os commandantes Escajadillo e Landa; partindo em seguida Tupac por Ayaviri por Cuzco, onde levantou as provincias do vasto territorio d'Arequipa até á fronteira norte de Tucuman, com o fim de tomar Cuzco, o que comtudo, não pode conseguir em dois ataques que fez por ter vindo de Lima um exercito a marchas forçadas.

(Continúa).

B. da Costa e Silva.

A HERANÇA DO BASTARDO

Romance original

XIX

O PAVILHÃO DA RUA DO CALVARIO

Quem hoje se apeia na estação de Serpa tem ainda de precorrer cousa de sete kilometros para chegar á villa, porém os surprehendentes panoramas que se descobrem á proporção que vamos andando, compensam bem aquelle trajecto de quasi legoa e meia, depois de oito horas de comboyo.

Passando a ponte que hoje existe ainda sobre a ribeira de *Enchoué*, e a uma hora quando muito de caminho, começa a apparecer a villa debruchada sobre a serra, com as suas negras e derruidas muralhas, tendo ao lado o solar feudal dos *Ficalhos*, e no sopé as casinhas brancas, por entre maciços de verdura, dando um tom delicioso e encantador áquella pittoresca villa do Alemtejo.

A villa de Serpa, é como todas as outras que existem em varios pontos do paiz; apesar das grandes modificações que o progresso imprimiu já na sua passagem, onde se mostram ainda no systhema de edificações, os traços inapagaveis dos seus primitivos fundadores.

Serpa é das mais antigas, senão a mais antiga villa portugueza, e ainda se vêem na area do antigo povoado, dentro das muralhas, construcções antiquissimas, feitas de terra amassada com barro, iguaes a alguns pontos das antigas muralhas.

Quem ainda ha cincoenta annos passasse pela rua do Calvario, onde existe a egreja d'esta invocação, daria com certeza noticias d'um palacete arruinado, tendo á frente quatro sacadas de peitoris engradados, e por sobre o portão, um largo portão de grossas portas de carvalho, um escudo d'armas de D. Diniz, o que fazia suppor ser aquelle palacio mandado fazer por este monarcha, talvez para séde do governador da villa, quando em 1295 Serpa foi conquistada aos castelhanos, que a deixaram nas mãos dos vencedores quasi totalmente arrazada.

Em 1807 habitava ali uma familia distincta do appellido Peres Correia, que se dizia ainda descendente do famoso D. Paio Peres Correia, que com as suas hostes havia tambem anteriormente conquistado Serpa aos mouros ali pelo anno de 1242.

Fosse ou não fosse isto, o que nada prejudica o seguimento da nossa historia, o certo é que a familia Peres Correia tinha ali visto nascer e morrer umas poucas de gerações, e havia, talvez por em alguma epoca se tornar mais numerosa, alargado a sua habitação secular, edificando no vasto pateo de entrada uma casa de um andar baixo, de pedra e cal, e que era conhecida pelo pavilhão.

A entrada dos francezes obrigara muitas familias a expatriarem-se para assim poderem salvar as suas vidas e alguns haveres, e isto porque sendo conhecidas por acerrimas partidarias da monarchia, n'essa epoca um dos mais fortes esteios da independencia da patria, temiam, com razão, que os agentes de Junot, que trabalhavam nada menos, que para lhe darem o throno, usassem para com ellas d'essas horrorosas crueldades de que a historia aventureira de Napoleão se encontra tão prodigamente eivada, ainda que mal pareçam estas verdades a alguns lunaticos que esperam das intervenções estrangeiras, sejam monarchicas ou republicanas outra cousa que não o voltarmos á escravidão ominosa dos Filippes ou dos Bounapartes.

Fôra esta circumstancia que determinara o desapparecimento da familia Peres Correia, agora apenas composta de pae, mãe e duas filhas, do palacete da rua do Calvario, o que aconteceu em mais de meiados de 1808, precisamente quando em Beja se haviam dado os factos, que ficaram consignados em a nossa historia politica d'aquella desgraçada epoca.

Por uma bella manhã o palacete da rua do Calvario apparecera fechado e dos seus habitantes apenas restava o velho abegão.

Não sabia este explicar como aquillo fôra, mas o que era certo é que com elles tambem haviam desapparecido os dois criados e as tres criadas todos antigos serviçaes da casa.

O abegão pensou em retirar-se tambem, mas reflectindo melhor havia de abandonar o palacio quando ainda n'elle se encontrava não só mobilia riquissima que o adornava mas tantos objectos de valor?

Havia já alguns mezes que o abegão lamentava a perda de seus bons amos. Pois seria possivel que em tantos dias elles não tivessem um meio qualquer de lhe escrever do logar onde se encontravam, a determinar-lhe o que lhe competia fazer durante essa ausencia forçada?

Certamente que encontrariam trinta occasiões para o fazer, mesmo porque se tornava necessario socegar o espirito inquieto de um homem que de repente e sem precaução de especie alguma se encontrava arcando com uma importante responsabilidade.

Onde estariam pois seus amos? Teriam morrido? Estariam prisioneiros dos francezes? Voltariam ainda?

Se elles tivessem cahido nas mãos da gente de Berthier o mesmo seria que considerarem-se mortos!

E a casa havia de estar para ali fechada, as tapeçarias a traçarem-se e os moveis a encherem-se de poeira?

E quem havia de tratar de tudo isso?

Elle era cousa de que não sabia.

Mas, subito uma ideia lhe assaltou o espirito: Se elle alugasse, já não dizia o palacio, mas o pavilhão, que se encontrava tambem mobilado. Do aluguer tiraria as suas soldadas e os amos nada haviam de dizer-lhe para o censurar de proceder assim.

Arranjou uma especie de annuncio manuscripto e collou-o na porta do palacete, dias depois o pavilhão era alugado por um sujeito de avançada idade de nome Paulo Mendes, que não sendo conhecido em Serpa, apparecera ali vestindo rigoroso luto, dizendo-se fugido aos francezes, que lhe haviam morto em Beja a mulher e um filho.

O abegão mais uma vez se lembrou da sorte que poderiam ter tido seus amos e recebeu condoido o inquilino que a Providencia lhe mandara.

Paulo parecia-lhe uma bella pessoa e até chorou quando lhe ouvira a desgraçada historia.

— Aquelles francezes! Aquelles francezes!

Ajudou a conduzir a bagagem para o pavilhão e n'esse momento surprehendeu-o o pezo d'um pequeno cofre, que elle tivera a velleidade de querer conduzir sosinho suppondo-o leve como uma penna, e que afinal parecia de chumbo, porém ainda o surprehendeu mais a alegria de Paulo Mendes e a facilidade com que lh'o tomou das mãos, como se encerrasse um verdadeiro thesouro de cuja posse elle estivesse sofrego.

O mesmo abegão arranjou o quarto destinado a Paulo Mendes e indicou-lhe alguns moveis de que se podia servir de preferencia.

Uma papelleira de pau santo, onde se encontravam objectos de escripta, uma commoda á Luiz XVI para guardar a roupa, varias estantes com livros, louças, emfim o necessario para a installação de uma pessoa de tratamento.

Paulo Mendes estava satisfeito de tudo que via. Tinha na verdade sido um bom achado. Sobretudo a circumstancia da sua nova habitação ser retirada e livre da vista dos curiosos ainda o alegrava mais.

Combinadas com o abegão as horas a que as refeições haviam de ser servidas, Paulo Mendes mostrou desejos de ficar só e o abegão retirou-se, não menos satisfeito com o seu inquilino do que este com a nova morada.

N'aquella mesma noite dizia o criado dos Peres Corrêa a um velhote que era ali visinho na rua, e que por ter officio de tanoeiro adquirira conhecimento com o abegação, varias vezes que tinha sido chamado a palacio para tratar de assumptos que se relaccionavam com a sua vasta adéga:

— Um bello homem! Pagou o que lhe estipulei pelo aluguer do pavilhão e ainda me deu uma gratificação de dez cruzados novos, tão luzentes que parecem dez espelhos.

. . . .

Havia já alguns dias que Paulo Mendes habitava o pavilhão da rua do Calvario, mostrando sempre um agradavel sorriso ao guarda d'aquelle protector asylo, onde já se julgava ao abrigo das perseguições dos seus inimigos, quando um acontecimento inesperado veiu novamente enchel-o de sobresaltos.

Fôra o caso que uma manhã, tendo ficado por esquecimento aberto o portão, uma pobre mulher esfarrapada perseguida pelo rapazio que a apupava entrou por elle dentro, atravessou o pateo e certamente iria procurar refugio no pavilhão se o caseiro a não agarra impedindo-lhe a passagem.

— Que é lá isso, então é só entrar por ahi dentro sem perguntar quem está de vigia? Ora ande, volte por onde veiu e perca a porta de memoria se não quer tomar conhecimento com o sr. alcaide.

A mulher regougou umas palavras inintelligiveis e poz-se de cabeça baixa a caminhar para a porta, ao mesmo tempo que o rapazio sem se atrever a entrar no pateo gritava na rua.

— E' uma bruxa, uma feiticeira!

— Vamos deixem a mulher; se não querem tomar a sério lá os seus *engrimanços*, não estejam a ameaçal-a nem a maltratal-a. Cada um procura ganhar como pode, ou como sabe o bocado de pão *nescessario* para a vida. Quem não quizer que não lhe dê *tréla*, mas emquanto a apedrejal-a isso isso é que é muito mal feito e o primeiro que o fizer levo-o por uma orelha a casa do sr. meirinho, que não é d'aqui muitos passos.

Os rapazes que tremiam como varas verdes assim que ouviam fallar no meirinho, não disseram uma nem duas, foram se safando á formiga e d'ali a pouco nem um unico se via na rua do Calvario.

O abegão saiu á rua para se certificar que a sua ameaça havia produzido o effeito desejado, e voltava do pateo para assegurar á mendiga que podia retirar-se sem receio, quando viu que esta pelo effeito talvez de um grande estado de fraqueza estava caída, inanimada á porta da casa onde dormia.

Um casinhoto onde mal lhe cabia a cama e onde guardava tambem os instrumentos de trabalho.

— Então hein, a mulher é capaz de morrer aqui. Ora a peste.

Entrou no quarto tirou uma cabaça com aguardente e despejou-lhe algumas gotas nos labios.

O resultado foi instantaneo. O rosto animou-se-lhe, os olhos abriram-se e d'ali a alguns instantes fitando-os no abegão pronunciava claramente estas palavras:

— Tenho fome, muita fome!

— Coitada... espere então um bocado que eu já lhe trago do meu jantar alguma cousa que comer.

Dito e feito; o abegão saiu de novo, o estado da mendiga inspirava-lhe inteira confiança. Que mal poderia elle esperar de a ter ali só.

Sair sem que a visse não era possivel, porque da porta do visinho tanoeiro onde lhe faziam o jantar para elle e para o seu hospede, observava perfeitamente o portão do palacio, por isso emquanto esperou que lhe apromptassem a comida não se retirou do limiar

A mendiga no entanto ficara sentada esperando que o abegão voltasse. A esperança de que ia comer alguma cousa acabara de restabelecer-lhe as forças que o gole de aguardente havia começado a reanimar.

— Ao menos hoje ainda não morrerei de fome! Exclamou ella mostrando no rosto uma intima expressão de alegria...

— Oh! se ao menos meu pae fosse vivo!

E levantando a cabeça, fitou subitamente o olhar n'uma das janellas do pavilhão que lhe ficava fronteiro, e onde uma subita apparição a fez levantar do degrau da porta como impellida por uma mola occulta.

— Será engano dos meus olhos, disse ella comsigo, sacudindo para traz algumas madeixas do cabello desgrenhado que tinha pendidas para a testa. Não, não é engano não, contiuou ella olhando sempre para o mesmo ponto... São aquellas as suas feições... o seu mesmo olhar... Vi-o duas vezes apenas, mas ia jurar que não me enganava.

N'este momento Paulo Mendes que estava por entre os vidros lendo um masso de papeis que folheava, abriu a janella, e sem reparar que era observado, deitou a cabeça de fora provavelmente para ver se via o abegão, mas então a mendiga soltou um grito estridolo e apontando como louca para a janella do pavilhão exclamou:

— E' elle, é elle, o morgado de Louredo!

A esta exclamação a janella fechou-se com violencia e os labios contrahidos de Paulo Mendes deixaram escapar uma praga.

N'este momento o abegão entrou no pateo.

A mendiga aproximou-se d'elle com os olhos esgaseados, as faces cadavericas e agarrando-o por um braço indicou-lhe o pavilhão:

— Deves conhecer aquelle homem que ali está; diz-me o seu nome?

O abegão surprehendido da estranha metarmorphose que se operara na mendiga, respondeu naturalmente entre a surpreza e o receio:

— Não conheço. Habita ha oito dias aquelle pavilhão que lhe aluguei, diz chamar-se Paulo Mendes e vir fugido dos francezes que lhe mataram a mulher e o filho.

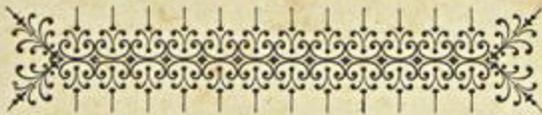
— Mentes! Aquelle homem é o morgado de Loredo, o mesmo que ha oito annos me pagou para roubar uma creança que sua mulher havia dado á luz com o fim de a fazermos desapparecer. Aquelle homem é um monstro, e se a justiça sabe que o acoitas aqui é possivel que não tenhas a cabeça muito segura sobre os hombros. Quando poderes falla lhe da Litta que é e meu nome e verás a medonha careta que elle te mostra. Ha pouco chamaste-me á vida quiz avisar-te para que não perdesses a tua. Voltarei aqui a dois dias!

Dizendo isto a cigana porque era effectivamente Lytta que nós tornamos a encontrar, saiu correndo sem se importar em querer matar a fome

de que ainda ha momentos sentira as dilacerantes garras a despedaçal a

— Esta mulher é uma doida, disse o abegão, ao vêl-a desapparecer...

E encaminhando-se para o pavilhão foi levar o jantar a Paulo Mendes.

(Continúa). *Julio Rocha.*

REVISTA POLITICA

O assumpto dominante da ultima dezena tem sido o protesto, representação, ou o que lhe queiram chamar, dos srs professores do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa contra a nova reforma do ensino agricola e industrial, a que nos referimos na nossa ultima revista.

Toda a imprensa politica se tem occupado da tal representação com um arreganho e desabrimento de quem não tem lá amigos entre os professores, e n'este tiroteio só o *Correio da Noite* tomou a defensiva, por ser o jornal que mais se mostra em opposição ao governo.

A nós parece-nos que tem havido menos complacencia para com os professores do Instituto do que a que se tem dispensado aos padeiros, aos cocheiros ou a outros quaesquer descontentes quando estes tem representado aos poderes publicos a bem da sua justiça, e só nos resta muito curiosamente vêr, que alguns dos que hoje clamam contra a attitude dos citados professores, ámanhã tambem dêem por paus e por pedras quando lhe tocar pela porta o corte das benesses e sinecuras que disfructam.

Pois se isto é uma enorme estufa envidraçada onde se criam estas plantas parasitas, e atirar pedras á estufa é partir toda a vidralhada e lá ficam as plantas todas desabrigadas.

A representação dos srs. professores do Instituto contra a reforma do dito, não explica cabalmente quaes os inconvenientes que os mesmos srs. professores encontram na mesma reforma, e no que insiste mais é que fique tudo como d'antes até dar tempo a organisar se o ensino como o quer a nova lei.

O governo, porém, que fez esta reforma obrigado pelas circumstancias que aconselham as maiores economias immediatas, não poude attender a representação, e decretou a divisão das differentes cadeiras do Instituto pelos lentes que entendeu, fazendo assim o trabalho que os srs. professores declararam não poder fazer de prompto, e tornando desde já effectiva a nova reforma para todos os seus effeitos.

E com isto lá se vão os vencimentos de categoria para os srs. professores que não tinham exercicio.

Esta é que é a pedra de escandalo que mais perturbações tem feito no seio da cathedra, segundo o que para ahi se tem dito nos artigos de fundo e em locaes desde a primeira á ultima columna de varias folhas politicas.

Ora sob este ponto de vista, parece-nos tambem que os srs. professores tem rasão em se mostrarem pouco resignados, nos córtes que soffrem nos seus proventos, porque emfim não ha nada para nos resignarmos com a desgraça como termos companheiros na mesma desgraça.

Porque rasão seriam os srs professores dos institutos os escolhidos em primeiro logar para soffrerem as consequencias das medidas economicas do governo, retirando-lhe os seus vencimentos de categoria pela simples rasão de uma parte d'esses srs. professores não fazerem nada nos ditos institutos.

Se se entra no regimen de só se pagar a quem faz alguma cousa, então ha muito e muito por onde cortar, e n'este caso estamos certos que os srs. professores não teriam estranhado a medida economica que os feriu nos seus interesses.

Dê o governo aos srs. professores do Instituto mais companheiros na desgraça e verá como a representação d'aquelles srs. fica eclypsada pelas representações dos conselheiros, dos altos commissionados, de toda a numerosa collegiada de conegos e beneficiados do Terreiro do Paço e suas filiaes.

Deus permitta que não se chegue a taes apuros, para tranquillidade d'estes reinos e sustentaculo das instituições, que infelizmente só andam sustentadas pelo cordão umbilical das sinecuras rendosas.

Depois da representação dos srs. professores o que mais está prendendo a curiosidade politica é a eleição da camara municipal de Lisboa, e varios jornaes fazem d'este assumpto os seus artigos de fundo apalpando a opinião publica a este respeito, sobre se a camara que virá será vermelha ou amarella.

Ha uns tempos a esta parte as eleições camararias tem sido o maior pesadelo dos governos e d'esta vez mais que d'outras o caso torna-se intrincado, attenta a pronunciada feição politica que os governos tem dado a essas eleições.

É quasi um axioma que camara dissolvida, camara reeleita, e é este quasi exioma que está preoccupando sériamente o governo. Chamam-se os partidos monarchicos a unir fileiras para offerecerem batalha ao partido republicano, mas os partidos monarchicos estão pouco disciplinados e receia-se muito que os que dizem abster-se de votar, façam a pirraça que tem feito outras vezes, votando com a opposição.

E digam-nos se um ministro da fazenda, que tanto tem em que se occupar na presente conjunctura, póde estar a distrahir a sua attenção para as eleições camararias. Digam-nos se d'este modo é possivel salvar as finanças e salvar o municipio ao mesmo tempo.

Nós optavamos pelas finanças e deixavamos o municipio eleger quem quizesse.

Afinal não ha inconveniente, porque o governo lá tem o artigo da lei que lhe permitte dissolver vereações, e já agora não deixava de ser divertido andar o eleitor todos os domingos no caminho da parochia a deitar a sua lista, já que lá não vae á missa.

João Verdades.

A ACTRIZ CARLOTA TALASSI — Fallecida em 28 de agosto de 1891

(Segundo uma photographia de Camacho)

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Problemas de Desenho Linear Rigoroso *seguidos de muitas applicações (compendio destinado para o ensino d'esta especie de desenho nos lyceus nacionaes, nos institutos e nas escholas industriaes e nas escholas normaes)*, por José Miguel d'Abreu, professor effectivo da 19.ª cadeira do Instituto Industrial e Commercial do Porto, antigo professor proprietario da cadeira de desenho annexa á faculdade de Mathematica da Universidade de Coimbra, etc. etc. Obra approvada pelo governo, em conformidade com o parecer da Junta Consultiva de Instrucção Publica e pelo Conselho Superior d'Instrucção Publica, etc., etc. Primeira parte: — Segundo anno do curso dos lyceus e 1.ª parte da 17.ª cadeira dos Institutos Industriaes e Commerciaes. Traçados de figuras geometricas planas. Sexta edição, revista e augmentada. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1889 Este compendio completa o primeiro de *Desenho Linear Elementar* de que démos noticia em o numero antecedente.

N'elle desenvolve o sr. José Miguel d'Abreu a primeira parte da sua obra ampliando o ensino do desenho tanto quanto o permitte o programma official, como já tivemos occasião de dizer em outra noticia

Os *Problemas de Desenho Linear Rigoroso* ligam-se perfeitamente com o *Desenho Linear Elementar* seguindo sempre o mesmo plano, o mais desenvolvido e completo que temos visto no ensino do desenho, dentro do nosso meio escolar a que o auctor teve que subordinar o seu trabalho.

Na segunda parte tratou o auctor das projecções orthogenaes e projecções obliquas, secções, intersecções e planificações de solidos; helices, parafusos e serpentinas, prespectiva linear. Esta parte é perfeitamente demonstrada e accessivel ao estudante convenientemente preparado pelo estudo anterior.

A terceira parte entra no quarto anno do curso dos lyceus e no ensino de desenho das escólas superiores e consta de: aguadas de sombras, desenho de machinas, desenho topographico e desenho de architectura.

Obra completa, a sua utilidade está demonstrada com a adopção que d'ella tem feito os institutos officiaes e grande parte das escólas particulares.

O auctor tem levado á estampa o seu trabalho, sem nenhuma ajuda official, o que importa grandes sacrificios n'uma obra de natureza dispendiosa, feita de modo como esta está.

Juntar o cabedal de conhecimentos precisos para produzir estes compendios de ensino, fazer as suas edições prefeitas e dispendiosas, levar esses compendios ás escólas, luctar contra a rotina, fazendo notar as vantagens do seu methodo de ensino, eis o grande trabalho do sr. José Miguel d'Abreu, que importa um serviço assignalado á causa da insrucção no nosso paiz.

Estamos certos que o sr Abreu não se deixará ficar aqui, e que em successivas edições melhore e mais desenvolverá os seus compendios, se os programmas officiaes tambem alargarem a esphera de ensino do desenho dos lyceus e escólas industriaes a pol-o a par do que se ensina lá fóra.

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
Rua Nova do Loureiro, 25 a 43